

Embates no Processo de Re-Significação Identitária via Língua Estrangeira

Ingrid Isis Del Grego¹

Resumo:

Este estudo se desenvolve sob uma perspectiva discursiva (Orlandi, 1999) e tratam o inglês como língua materna e o português como estrangeira. Com a perspectiva que adotamos, vemos que a língua materna e o contato com a língua do outro perpassam a construção identitária do sujeito; pretendemos, aqui, investigar o processo de re-significação identitária de um nativo de inglês diante do contato com o português e com o Brasil- para ele, o espaço do outro .

PALAVRAS- CHAVE: Análise de Discurso, identidade, língua inglesa

Abstratic:

Conflicts in the process of identity re-signification via foreign language

This paper is developed under a discursive perspective (Orlandi, 1999) and English is considered here as the mother tongue and Portuguese as the foreign language. According to the theoretical perspective we have adopted, we understand that the mother tongue and the contact with the language of the other are linked to the construction of the identity of the subject; therefore we shall investigate the process of identity re-signification of an English native speaker in relation to Portuguese and to Brazil- for him, the space of the other.

KEYWORDS: Discourse Analysis, identity, English

APRESENTAÇÃO

No presente estudo investigamos o processo de re-significação identitária de um sujeito, nativo de inglês e que estuda português, estabelecendo relações com as representações que possui acerca do Brasil e do português falado aqui bem como de sua própria língua e país de origem.²

De fato, as mobilizações que levam um brasileiro a aprender o inglês parecem-nos ser de senso comum, relativas à hegemonia desta língua e à sua prioritária inserção mercadológica. Entretanto, vemos que o fenômeno inverso mereceria um estudo acadêmico, visto que seria interessante investigar quais elementos mobilizam um nativo de língua inglesa a aprender o português, que não é uma língua hegemônica, tampouco promovida pela mídia- como o inglês o é.

Pretendemos lidar, sobretudo, com o processo subjetivo de re-significação identitária diante do contato com a língua estrangeira. Constatamos, por meio da leitura de nossa bibliografia (a este respeito, em específico, Bertoldo, 2003; Coracini, 2003; Revuz, 1998 e Serrani-Infante, 1998) e da análise do *corpus*, que o contato com a língua estrangeira promove, dentre outros aspectos, uma re-significação na formação identitária do sujeito; em outras palavras, a formação do sujeito em sua língua materna, diante do contato com a língua estrangeira, sofre mudanças no tocante, por exemplo, às imagens e sentidos (a respeito de si mesmo, por exemplo- como pudemos observar) que o constituíam como sujeito .

Ainda, verificamos que este processo é permeado por estranhamentos de diferentes naturezas e por embates entre a língua materna e a língua estrangeira e, com mais exatidão, entre uma identidade constituída na e pela língua materna com seus valores e representações e os outros valores e representações vinculados à língua estrangeira.



APARATO TEÓRICO

Temos como base de nosso aparato teórico a Análise de Discurso de linha francesa, com ênfase em conceitos tais como discurso, sujeito, identidade, produção e efeito de sentido. Também filiamo-nos a algumas noções da Psicanálise, sobretudo em relação à concepção do Outro, de Lacan.

Compreendemos a linguagem como um elemento de mediação entre o homem e sua realidade e, também, uma forma de engajá-lo em sua própria realidade (Brandão, 1999). Assim, ela não pode ser estudada fora do âmbito social, pois seus processos de constituição são histórico-sociais e, portanto, a linguagem não é “neutra, inocente e nem natural” (op.cit., p. 11) e constitui-se como o lugar de manifestação ideológica.

O discurso, portanto, é visto como o efeito de sentido entre interlocutores, ou seja, História, sujeito e sentido estão inter-relacionados. Assim, o sentido não está pronto, fixo e tampouco é evidente.

O sujeito é constituído através da interpelação ideológica (Althusser, 1971, apud Brandão, 1999): um processo de “chamamento”, pelo qual o sujeito é recrutado pela linguagem para ocupar certas posições de sujeito. Ao assumir uma determinada posição, funda-se o efeito de unidade imaginária no sujeito que, para Lacan, se crê uno (Nasio, 1995). De fato, essa é uma ilusão, pois o sujeito, assim como o compreendemos, não é cartesiano, racional e consciente, mas sim, é descentrado, dividido, constituído por uma dimensão inconsciente que, por vezes, à revelia de sua intenção, surge na linguagem por meio de lapsos, atos falhos, etc.

Como assinala Chnaiderman (1998), há a presença de uma alteridade na interioridade: na fala do sujeito, a seu despeito, há “algum outro tipo de fala” (Fink, 1998), proveniente de um lugar diferente, do inconsciente, para Freud, ou, dito de outra maneira, do Outro, para Lacan (apud Nasio, 1995).



E, por conseguinte, o contato com a língua estrangeira (LE) é um fenômeno complexo: leva em consideração não somente o âmbito lingüístico, mas também, a complexidade do sujeito e de sua identidade, bem como suas representações de língua (seja a sua, seja a do outro), de nação (de maneira análoga, a sua e a da LE). Como nos explica Revuz (1998), a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional e, por tal razão, toda e qualquer tentativa de aprender uma língua estrangeira vem modificar o que já nos está inscrito com as palavras da nossa primeira língua.

METODOLOGIA E MATERIAL DO ESTUDO

Devido à complexidade do sujeito, acima descrita, sua constituição identitária singular e suas diferentes experiências, vemos que é importante, aqui, lidarmos com o processo de re-significação identitária de um sujeito em particular. Dessa maneira, realizamos coleta de dados a partir de uma entrevista oral junto a um falante nativo de língua inglesa presente em nosso *campus* universitário, visto este estar em processo de aprendizagem formal da língua portuguesa. Tal entrevista se deu em português, ou seja, a língua estrangeira do nativo, sendo semi-guiada, permitindo ao nativo que falasse livremente sobre os assuntos em questão.

O entrevistado será aqui denominado como C., tem 33 anos e é norte-americano. Há oito anos morando no Brasil, ele explica que a primeira vez que visitou o país foi em 1998, quando realizou um intercâmbio de três meses para estudar Economia e Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. Engenheiro de formação, na época interessou-se pelo programa por este abranger áreas como a economia de açúcar e petróleo; não possuía interesse, até então, em estudar português.



Porém, no mesmo ano, conheceu uma moça brasileira na faculdade, que hoje é sua esposa. Alguns anos depois, casaram-se e ele deixou os Estados Unidos e veio instalar-se no Brasil. Eles têm duas filhas, de cinco e três anos e C., desde que passou a morar no Brasil, não mais atua na área de engenharia. Quando mudou-se para cá, deixou sua carreira e apostou no sucesso profissional da esposa que, para ele, já se encontrava estabilizada neste país, ao passo que ele ainda buscava o quê fazer e onde. Hoje em dia é professor de inglês e estuda Letras Português-Inglês em uma universidade no estado de São Paulo.

Dada a apresentação de nossa metodologia de estudo bem como do sujeito de nossa pesquisa, passamos neste momento à discussão dos dados.

ESTRANHAMENTOS E EMBATES NO PROCESSO DE RE-SIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA DE C. VIA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Uma visão psicanalítica do sujeito nos mostra que a busca de um outro espaço não é arbitrária, tampouco totalmente consciente; e a unidade do sujeito é aparente, posto que ele é descentrado e constituído, também, por uma dimensão inconsciente. Como assinalamos anteriormente, esta, segundo Fink (1998), é repleta de falas, conversas, objetivos, aspirações e fantasias de outras pessoas e todos esses fatores constituem o sujeito. Porém, é importante destacar que esses fatores constituem o sujeito mas, devido a estarem fora dele, instauram o lugar da falta e abrem à busca do outro.

Deste modo, quando perguntamos a C. o porquê de sua escolha por um outro espaço enunciativo, ele afirma:

1. “ (...) é, eu tava é, pensando em fazer, **sair do meu país pra- pra ver o mundo (...)**”



Nesse sentido, vemos que há o desejo de conhecer outras culturas e isso causa o deslocamento do sujeito; em outras palavras, o desejo do outro se institui em C. como uma motivação para a busca do novo, do diferente.

É interessante notar que a busca de C. pela alteridade é, de fato, a busca por aquilo que lhe seja, em essência, diferente e, assim, várias alternativas lhe eram possíveis, desde que, como ele mesmo afirma, fossem países menos freqüentados por americanos:

2. “é, eu tava pensando no Brasil, na Argentina e, até possivelmente, a Europa, ou a Polônia, ou um país menos- menos freqüentado pelos- pelos americanos, eu queria evitar um pouquinho”

Devemos ressaltar que ele destaca a Polônia da Europa. Vemos que isto ocorre, pois, em sua busca por aquilo que seja distinto a ele, C. deseja entrar em contato com uma cultura que lhe seja totalmente heterogênea, representando o que para ele seria a alteridade completa. Não somente esta é uma imagem que ele possui de como o outro seria como também o é a imagem da Polônia, um país no qual, em seu imaginário, ele não encontraria traços de sua cultura, constituindo-se como o outro por excelência. Assinalamos a sua escolha final: a cidade de São Paulo. Para viabilizar o seu desejo de alteridade, C. escolhe a “cidade grande”, distinta de sua cidade natal, cuja imagem, para ele, é a seguinte:

3. “bom/ é, eu sou dos Estados Unidos, do estado de Ohio/ ah... e, cidade, não era cidade, era mais, uhn, era cidade pequena de dez mil pessoas, chama Willmington”

Vale destacar que a busca pela alteridade não envolve uma recusa à sua própria identidade e/ou à sua cultura; há, sim, uma *falta* em sua identidade inscrita na língua materna - o outro se encontra além -, e é por esse encontro com o outro que ele busca, ansiando por sua completude como sujeito.

Nessa busca pelo outro, o sujeito procura tornar seu desejo concreto e, assim, seu deslocamento ocorre com a tentativa de viabiliza-lo. No caso de C.,



esse movimento se dá por meio da qualificação profissional, visto que ele se desloca de seu espaço para um outro a fim de, aparentemente, investir na garantia de sua inserção social. Devemos destacar que essa garantia de inserção social se dá, pois, embora haja o desejo do outro, o sujeito ainda está ancorado na familiaridade, na “suposta” origem que o constitui, e se desloca, portanto, com as representações que o constituem, visto que ele é um sujeito inserido nessa formação discursiva: para constituir-se como sujeito, ele necessita de interação e também do estabelecimento de sua posição como sujeito nessa interação. Tal estabelecimento ocorre por meio de valores construídos histórica e culturalmente como, por exemplo, para ele, de que uma profissão como a de engenheiro poderia lhe trazer um melhor posicionamento em sua sociedade. Esse valor mostra uma representação que ele possui de sua própria cultura, da qual ele reconhece alguns traços que, de tão significativos, constituem-se como símbolos culturais nacionais para ele:

4. “a cidade [Willmington, sua cidade natal] em si era, é, a cidade é bem pequena, é-é simples, tem **Mc Donald’s**, tem **Wal Mart**, como todas as cidades nos Estados Unidos”

Logo, vemos o Mc Donald’s e o Wal Mart como ícones da cultura norte-americana para C.; e as representações que decorrem destes símbolos sugerem traços da própria cultura para C.:

5. “eu, é, eu-eu quando eu morava nos Estados Unidos, eu- eu preocupava mais com as coisas banais, em ter um carro maior, é, de fazer compras, de ter roupa, roupa mais chique”

O que podemos ver é a sua participação na idéia de nação na maneira como ela é representada em sua cultura nacional, como nos explica Hall (2001). A identidade nacional produz sentidos e o sujeito participa dessa comunidade



simbólica, visto que ela é um sistema de representação cultural. Hall, na mesma obra citada, explana com mais profundidade:

Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2001. p. 50)

C. participa dos valores e das representações de sua cultura, pois é nessa formação discursiva em que ele foi inserido desde o nascimento e é sob essas bases que ele se constitui como sujeito. Porém, no contato com o outro, a concepção que C. tinha de si mesmo mudou, como vemos a seguir:

6. e aqui eu acho que eu aprendi muito mais sobre mim é, que eu não- não gosto dessas coisas, eu não preciso, pra mim não é importante o tamanho do meu carro ou as roupas que as pessoas tão usando, é, eu aprendi muito mais aqui, então por isso eu acho que eu tô me encaixando melhor aqui

Ele vê que as coisas “banais”, como carros e roupas, não lhe são mais importantes e até mesmo a sua imagem de garantia de inserção social (que o havia trazido ao Brasil pela primeira vez - aparentemente, como pudemos apontar) é re-significada, pois quando passou a viver no Brasil, ele deixou de exercer a profissão de engenheiro e, cerca de três anos após sua chegada ao país, trocou de profissão, tornando-se professor de língua inglesa. Também consideramos a possibilidade de tal mudança ter-se dado por razões sócio-econômicas. Porém, da mesma forma, o contato com o outro lhe causou efeitos e a aceitação dessa “mudança” (por nós vista como re-significação) é mais “serena”.

Nesse sentido, vemos que o contato com o outro re-significou as bases fundadoras de sua identidade (bases estas construídas a partir do discurso de sua cultura), alterando a imagem que ele tinha de si mesmo e trazendo novos valores sociais e culturais, a partir da inserção em um novo espaço (o espaço do



outro) e da aprendizagem da língua falada ali- como poderemos explicar mais adiante.

Serrani-Infante (1998) discute tal fenômeno e afirma que a complexidade do processo de aprendizagem de uma segunda língua se dá devido ao caráter “contraditório” desse processo: ao mesmo tempo em que se caminha em direção ao outro, as bases da língua materna são mobilizadas e as discursividades fundadoras do sujeito são afetadas. Deste modo, as posições subjetivas, após o processo de inscrição nas discursividades de uma segunda língua não serão as mesmas e, por esta razão, a re-significação das bases identitárias do sujeito (e que o faziam se posicionar como sujeito social) não é um processo simples tampouco “suave”; pelo contrário, é permeado por embates e enfrentamentos, e possui impactos em diferentes campos da vida do sujeito, como veremos a seguir.

De fato, o encontro com o outro promove um choque entre o familiar e o estranho. Em um primeiro nível, como pudemos observar, ocorre um estranhamento inicial em relação à caracterização do novo espaço. Nesse novo espaço, o sujeito não se reconhece e encontra dificuldades para compreender as novas caracterizações físicas com as quais se depara. Podemos ver tal estranhamento em sua descrição acerca da chegada à cidade de São Paulo, visto que aquilo que C. vê (e entende) em sua primeira visita ao Brasil (e a São Paulo, especificamente) é uma cidade “feia”, “suja” e “bagunçada”. O visual lhe é de desordem e confusão, e sugere que ele não compreendia o novo espaço em que se inseria, devido à relação forte que mantinha com o espaço que o constituía como sujeito, o de sua língua materna:

7. “e eu tava vindo aqui pra cidade de São Paulo, eu lembro que eu passei um rio que- que parecia é, **um rio muito estranho para mim** esse rio que passava entrando em São Paulo/ tinha umas, é- é, alguns prédios, e, tava muito feio, tava muito feio/ e tinha, eu lembro, uma coisa passando por cima do- desse rio, que era meio de arco-íris/ eu- eu perguntei o que era isso, era uma passagem pras pessoas pra ir pro outro lado do rio/ **não entendia nada, era tudo muito estranho para**



mim/ eu achava a cidade muito, pelo menos a entrada pra cidade muito é, bagunçada e muito suja, mas é, depois é, isso era minha primeira é, opinião da-da- cidade”

Entretanto, não podemos deixar de considerar que nesta outra cultura há traços que já lhe são familiares por serem provenientes de sua cultura de origem. Os já mencionados “ícones” da cultura norte-americana para C. (Mc Donald’s e Wal Mart, por exemplo) também se apresentam nesse novo espaço e abrandam o que poderia ser um estranhamento ainda maior.

Este estranhamento de natureza espacial não barra o sujeito, pois o seu desejo do outro se mantém. Há, portanto, a vontade de completude por parte do sujeito, que acredita (e “aposta”) que tal plenitude só se daria com o encontro efetivo com a cultura do outro, por meio da inserção nessa outra discursividade. Tal inserção, para C., perpassa o âmbito da língua e o mobiliza, então, em direção à aprendizagem da língua estrangeira:

8. não dá pra viver, morar num lugar sem falar a língua, então, por isso, eu- eu achei bem importante falar a língua/ eu comecei a estudar, e **fiquei estudando, estudando só pra conseguir sair na rua pra- pra falar com as pessoas.**

Desta maneira, o sujeito demonstra sua vontade de se tornar capaz de se enunciar na língua estrangeira e poder ser compreendido pelos membros dessa outra cultura, como uma maneira de efetivar ainda mais o contato com o outro. Assim mobilizado, C. se empenha no estudo da língua e, no seu processo de re-significação identitária, há um movimento que parte do estranhamento visual inicial para um estranhamento de natureza lingüística, relacionado à materialidade da língua. Já não mais se sentindo “confuso” com a caracterização física do novo espaço, suas dificuldades passam a ser, especificamente, com a gramática e a compreensão auditiva da língua portuguesa.

Dentre estes aspectos, ele menciona como fatores relevantes os tempos e as conjugações verbais, visto que, em sua língua materna, ele afirma que os



verbos são “bem fáceis”. Vale lembrar que essa impressão de dificuldade ocorre pelo confronto com as discursividades da língua materna, que lhe são fundadoras e o constituem como sujeito. A visão que ele tem da própria língua é a da facilidade, já que esta é a discursividade na qual foi inserido desde que nasceu; a língua estrangeira, portanto, traz marcas de dificuldade, que sugerem o embate entre a sua formação identitária (em processo) e aquela que o constitui. Assim, é interessante ressaltar a maneira pela qual ele descreve esta questão dos tempos verbais; o que, para nós, confirma a ocorrência do embate, do conflito entre as suas formações identitárias:

9. o português para mim, o mais- **o mais difícil realmente** foi os verbos de- de **não conseguir** falar alguma coisa que eu queria falar porque **eu não tinha como** é, colocar o verbo naquele tempo/ então eu queria falar alguma coisa do futuro, do possível futuro e eu não- **não sabia falar**, então isso foi muito **frustrante**, e que demorava muito tempo pra chegar nesse ponto, de usar a língua, é, mais fluente

Vemos que as referências ao “não conseguir”, “não ter como”, “não saber falar” apontam que há o desejo do sujeito em se inserir na discursividade do outro via língua mas, face ao enfrentamento com a sua identidade constituída na língua materna, o processo é difícil e frustrante - dada, também, a sua não-brevidade, pela qual anseia o sujeito para que possa inscrever-se também na língua desse outro.

De fato, ele procura enunciar-se na língua de seu novo espaço discursivo e tal desejo é um dos pólos da comunicação: falar e ser compreendido. A sua contrapartida, compreender o que é falado (a chamada “compreensão auditiva”), também é para C. um enfrentamento em seu processo de re-significação identitária, ainda relacionado à materialidade da língua:

10. “é-difícil também pra mim foi de-de-de **conseguir entender o que as pessoas tavam falando pra entender**/ ah, é, eu- eu quando eu comecei eu não tinha muito paciência de assistir televisão, de ver jornal, é, de- de prestar atenção mesma na-na-no que as pessoas tavam falando, de tentar **melhorar esse, o meu desempenho do, de-**



de ouvido, né? é, isso eu comecei com isso, mas depois de um tempo, eu comecei a- a entender algumas palavras e foi melhorando, melhorando e eu fiquei com mais paciência de assistir jornal (risos) é/ eu acho foi, foi, isso foi o mais difícil/ e, com isso, é, eu fiquei, é, quase seis meses, eu fiquei muito inseguro com o jeito que eu falava/ então eu fiquei seis meses é, praticamente sem sair de casa é, porque eu fiquei com medo de-de sair na rua e não saber o que falar”

Como já mencionado, há o desejo de alcançar o outro por meio da compreensão auditiva: “melhorar o desempenho do ouvido” aponta uma vontade de plenitude e de ser capaz de *entender*, ou seja, de desfazer aquele estranhamento do seu primeiro olhar para o novo espaço, momento em que ele não entendia nada do que via e, logo, achava tudo estranho. Vemos que quando C. passa por este confronto lingüístico, pertencente ao seu processo de re-significação, ele vivencia uma questão metonímica, tomando a parte pelo todo: espera e acredita que, ao melhorar a sua compreensão auditiva, a sua compreensão dos demais aspectos lingüísticos e culturais do novo espaço também ocorreria, e ele melhoraria o seu entender com os participantes dessa cultura.

No entanto, visto tratar-se de um processo, do momento em que há o desejo de entender ao começar a entender de fato levou tempo e este, pode-se dizer, parece ter sido o embate mais “doloroso” de sua re-significação identitária, pois envolvia a identificação com a nova língua e com o novo espaço e estes fatores, para o sujeito, representavam realmente uma grande alteração em suas bases identitárias.

Logo, o medo se inscreve e o sujeito passa a se perguntar – inconscientemente- o que será dele neste novo espaço, o que será de tudo que ele era até então, de todas as escolhas que ele havia feito (conscientes e inconscientes) e, agora, que sua identidade, fragmentada, está “adquirindo” novos sentidos e novas representações. Tal enfrentamento lhe é tão forte e custoso que C. se fecha em seu lugar seguro, sua casa, pelo medo de entrar em contato com os outros- com esse outro agora tão estranho e amedrontador- e



não saber/ poder se enunciar na nova língua. A experiência é tão intensa que o imobiliza, e ele se mantém por seis meses em casa saindo apenas para estudar a língua do outro e, então, sentir-se apto para se inscrever nessa outra discursividade. Como podemos ver, a experiência com a língua o faz parar, como se a língua estrangeira passasse por seu corpo e o leva a um recolhimento e ao apoio no seio da família, como quando criança.

É nesse tempo de recolhimento que sua formação identitária na língua estrangeira começa a se consolidar e os estranhamentos passam a se amainar, principalmente devido ao laço afetivo construído com a língua, e que perpassa a esposa e as filhas. Durante esse período, C. mantém contato formal com a língua do outro, a língua estrangeira, em suas aulas de português. De fato, ainda se mantinha ancorado no que lhe representava segurança e não lhe parecia passível de abalar seu contato com o outro e de torná-lo uma experiência negativa, na qual não pudesse se enunciar: passava a maior parte de seu tempo em sua casa, em contato com a língua estrangeira por meio da televisão, do rádio e de suas aulas, mas protegido do contato real com ela, que se daria em uma situação de comunicação face a face com um participante dessa outra cultura, e quando isso pudesse vir a ocorrer - e ocorria - ele encontrava apoio e amparo em sua esposa:

11. “então, esses primeiros seis meses que eu tava aqui no Brasil, eu ficava em casa, eu ia pra aula de- de Português e, eventualmente, com a minha esposa, hum, pra sair pra jantar, essas coisas, hum, mas sempre com o apoio dela na hora de falar”

Esse apoio - de sua mulher e família - lhe é importante, pois transfere a segurança que ele encontrava em sua casa para essas outras ocasiões, proporcionando-lhe, também, conforto e constituindo-se como sensações significativas (efeitos) para que o seu estranhamento e o seu medo se amainem gradativamente e ele se sinta confortável para se significar, se enunciar na língua do outro e inserir-se nessa outra discursividade. Como temos apontado,



a re-significação identitária é um processo e sendo este abrandamento parte dele, também é gradual. Para C., este momento demorou a acontecer, mas conseguir atingi-lo, mesmo aos poucos, lhe trazia uma sensação de bem-estar:

12. depois de seis meses **eu comecei a sentir melhor**, sair na rua, **conversar com o taxista, conversar com as pessoas na padaria** e aí, eu, soltou um pouquinho/ **eu me soltei** um pouquinho pra essas situações

Tal sensação de bem-estar, de “sentir-se melhor”, se dá devido à importância que C. confere ao contato com os participantes da outra cultura. Para ele, esses são os representantes do outro e o contato com eles significa um passo à frente em seu processo de preenchimento do desejo pelo outro: é a possibilidade de se comunicar nessa língua, abrangendo todas as direções que esse ato possui: falar e ser compreendido e compreender o que os demais falam. Tal possibilidade se caracteriza como a concretização de sua inserção nesse novo espaço enunciativo e nessa outra discursividade. Logo, ele começa a “se soltar”, ou seja, aos poucos ele se enuncia na língua do outro.

Vale registrar o emprego, por C., da expressão “eu me soltei um pouquinho”: “soltar-se” liga-se a outras formações discursivas, a saber: “desamarrar”, “livrar alguém de algo”, “libertar(-se)”³. Com o estabelecimento do contato com os participantes dessa outra cultura e a consequente sensação positiva que isso lhe traz, C. começa a se “desamarrar” de suas bases fundadoras, começa a libertar-se daquilo que supostamente o constituía e o processo de estranhamento começa a se direcionar para uma identificação. Identificação essa no próprio sentido do termo, de estar *idem*, estar igual aos demais, sentir-se parte. Ainda, é por estar se sentindo livre de suas bases que ele também passa a se sentir livre para/ ao se enunciar nessa outra cultura. Assim, agora que é parte, que está inserido nela (e preenchendo seu desejo do outro), mesmo ilusoriamente, não lhe há mais a necessidade de ficar “preso” em sua casa e ele, então, se solta, se liberta.



Ainda, nesse outro espaço enunciativo, C. vivencia a valorização da língua inglesa como língua hegemônica e de prestígio mercadológico. É interessante notar que ele se volta para a sua língua materna; porém, não com o desejo de retornar à sua cultura de origem, mas sim, como o desejo de ser aceito e bem visto na cultura do outro por meio dela. Deste modo, C. passa a exercer uma nova profissão que, ainda que relacionada à sua língua materna, lhe tem valor instrumental, de acesso ao outro. Diante dessa relação que a nova profissão estabelece com o outro, C. se identifica e passa por um momento de reconhecimento de novos e outros valores:

13. **“quando eu cheguei aqui, eu- eu nem pensei em fazer, de dar aula de inglês/ demorou, eu acho que três anos, até uma pessoa, é, chegar pra mim e falar: ‘ah, você é americano, você não quer dar uma aula de conversação? É muito fácil, você chega, você fala e blá-blá-blá...’/ eu falei, bom, não custa nada, eu- eu- eu tava, é, não tava trabalhando muito naquela época e eu falei tá bom/ eu peguei, eu gostei, eu gostei de contato com as pessoas, é, eu- eu vi realmente que eu, é, eu consigo é, ajudar as pessoas a aprender a- a língua”** (anexos, p. 90)

14. **“mas eu- eu nunca- nunca fui muito bom aluno de inglês na escola, eu nunca gostei muito de ler, de literatura, de, é, de gramática, é, eu nunca gostei muito/ é pra mim era- era ciência, era matemática, isso era meu caminho pra- pra minha vida/ mas eu acho que quando eu mudei pra, aqui pro Brasil, aconteceu uma mudança grande comigo de eu me conheci muito mais e, é, eu abri essa possibilidade de- de trabalhar com uma coisa que não era das ciências exatas/ e o quando eu recebi, esse- esse convite, de- de trabalhar como professor, eu- eu- eu gostei muito, eu vi esse lado que eu precisava desenvolver de- de, é, esse contato com- com as pessoas e da linguagem/ eu comecei a gostar muito da linguagem e na, quando eu comecei a aprender o português e eu aprendi que eu gostava muito de- de aprender línguas”** (anexos, p. 90)

Como pudemos notar, C. re-significa os valores que o constituíam, re-significando até mesmo a representação que possuía acerca de sua carreira profissional e que ele trazia de sua cultura, como já pudemos verificar anteriormente. A partir do contato com o outro, ele conhece novos valores, identifica-se com eles e reconhece, então, que há uma dimensão sua a ser



desenvolvida e a sensação de estar realizando tal desenvolvimento lhe traz prazer, pois ele sente estar preenchendo a falta que nele havia.

Não obstante, o seu processo de re-significação na língua do outro também atinge a sua base familiar, que agora não mais se significa em sua língua materna e a família que ele constitui no espaço do outro se significa na língua do outro, a língua estrangeira:

15. eu- eu falo com elas [suas filhas] em inglês em casa, não o tempo todo, porque eu queria manter essa **unidade familiar**, então eu não falo somente inglês com elas/ então quando eu tô perto, quando eu- eu tô junto com a minha esposa, e com- com elas, eu uso português

Em suma, diante do contato com o outro, C. passa por um processo de re-significação identitária que compreende várias dimensões, como pudemos ver por meio de seu estabelecimento em um novo espaço geográfico, dos embates que ocorreram durante sua aprendizagem da LE, da sua mudança de profissão, da constituição da unidade familiar inscrita na língua do outro e da alteração da visão de si mesmo dos valores que lhe são caros. Tais re-significações direcionam o sujeito a um sentimento de completude, haja vista o conforto que sente agora que o contato com o outro se efetivou, “preenchendo” seu desejo e sua falta anteriores e trazendo-lhe, por conseqüência, a sensação de ter atingido um conhecimento maior sobre si mesmo. É importante lembrar que tudo isso se trata de um efeito no sujeito, proveniente de seu contato com a língua e com a cultura do outro. Diante desses fatores, C. sente-se inserido no espaço do outro, que parece, assim, produzir uma sensação de completude:

16. eu acho que, é- é, o Brasil, pra mim, eu- eu- **eu me fico melhor aqui no Brasil do que nos Estados Unidos**/ é, não sei se é o ritmo do Brasil é, parece pra mim, às vezes, um pouco diferente/ é, as prioridades, é, também, são- são diferentes/ não sei, **eu acho que eu me encaixo melhor aqui é, do que nos Estados Unidos**



Em outras palavras, pudemos verificar alguns elementos do processo de inscrição de C. na discursividade do outro; compreendendo, também, alguns dos confrontos e estranhamentos pelos quais passou. Tal processo de inserção na língua e cultura do outro parece ter proporcionado o preenchimento de seu desejo do outro e causado um decorrente efeito de completude, pois C. passa a identificar-se com alguns valores da cultura brasileira (aos quais ele chama de “prioridades”) e sente-se bem (ele se “encaixa” melhor) aqui, razão pela qual não quer deixar o país.

No entanto, um exame mais aprofundado dos dizeres de C. permite entrever que tal preenchimento não é pleno; de fato, vemos que C. sente-se bem no país (Brasil), porém, a partir da experiência com a materialidade do espaço escolhido, sua relação com a cidade de São Paulo (alteridade espacial) é também alterada, sendo atribuída a ela uma série de imagens que sugerem uma mudança no imaginário de C. Assim, ele ainda conserva uma relação positiva com o Brasil - um nível macro no qual, provavelmente, uma representação idealizada de alteridade ainda esteja presente -, ao passo que sua relação micro, digamos, com a cidade de São Paulo, é distanciada:

17. bom, é, agora eu sei que é uma bagunça mesmo [risos] é, não, é uma, é, eu- eu- **eu gosto muito desse país, não gosto dessa cidade/ é, São Paulo é uma cidade, eu- eu acho que não é pra mim, é, cidade grande, eu, eu não consigo**, eu já tô aqui seis anos tentando realmente convencer a minha esposa a sair da cidade, é, a gente tá chegando perto, é, eu acho que daqui uns anos a gente vai conseguir sair da cidade/ uma coisa que eu não, é, eu não- **eu não, fico bem na cidade, com tanta pressão, tanto barulho, muitas pessoas muito perto de mim/** é, mesmo em casa, no prédio, no apartamento, eu- eu fico, é, eu não fico muito- muito relaxado, com- com essa situação daqui da cidade/ então eu prefiro sair, eu acho que eu consigo ficar muito mais feliz fora da cidade/ **mas o país do Brasil eu adoro, eu não tenho intenções de sair tão cedo, não** [risos]

Acreditamos que, possivelmente, no contato com a materialidade do espaço do outro, essas novas imagens o direcionam para um efeito de desconforto, uma sensação de que a cidade de São Paulo parece extrapolar os limites de uma alteridade então imaginada. Logo, ele retorna ao que lhe é



palpável e mais fácil para lidar, ou seja, a algumas representações que, em seu imaginário, relacionam-se à sua cidade natal e o constituem. Desse modo, a relação com o país Brasil se mantém, ao passo que a relação com a cidade de São Paulo é re-significada.

Diante do exposto, cumprimos uma análise em relação ao processo de re-significação identitária de C.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, pudemos compreender, sob uma perspectiva discursiva e, também, com base em alguns conceitos próprios da Psicanálise, algumas motivações de um sujeito que se dirige a um outro espaço, deixando seu espaço de origem. Ainda, buscamos analisar elementos do processo identitário pelo qual esse sujeito passou, investigando os conflitos que se deram entre suas bases identitárias fundadoras e esta outra identidade em formação – e a estes denominamos embates e estranhamentos -, e verificamos que, no sujeito de nossa pesquisa, foram de três ordens diferentes: espacial, lingüística e cultural.

Vale notar, também, que observamos que este processo de inscrição em uma outra discursividade é complexo, não-linear e tampouco “fácil” ou “suave”, pois envolve não somente a sua motivação para o deslocamento para um outro espaço - o desejo pelo outro- bem como as representações que o sujeito possui sobre seu próprio espaço e língua e o espaço e a língua do outro, levando-se em consideração que estas constituem o sujeito e permeiam o processo, vinculando-se, por um lado, às experiências travadas com o outro e, por outro, à aprendizagem da LE.



Referências

BERTOLDO, E. S. "O contato- confronto com uma língua estrangeira." In: CORACINI, M. J. (org.) *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. pp. 83-118

BRANDÃO, H. H. N. (1999) *Introdução à análise do discurso*. 2a. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004

CHNAIDERMAN, M. "Língua(s)- linguagem(ns)- identidade(s)- movimento(s): uma abordagem psicanalítica". In: SIGNORINI, I. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, SP: Fapesp, 1998. pp. 47- 67

CORACINI, M. J. "Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade." In: CORACINI, M. J. (org.) *Identidade e Discurso: (des) construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. pp. 139-159

FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. (trad. Maria de Lourdes Sette Câmara). RJ: Jorge Zahar Ed., 1998

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós- Modernidade*. 9a. ed. (trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Loureiro). RJ: DP&A, 2001

HOUAISS, A. et VILLAR, M. de S. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. RJ: Objetiva, 2001



NASIO, J.-D. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise. RJ: Jorge Zahar, 1995

ORLANDI, E. P. (1999) *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4a. Ed., 2003

REVUZ, C. "A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio". (trad. Silmara Serrani-Infante). In: SIGNORINI, I. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, SP: Fapesp, 1998. pp. 213- 230

SERRANI-INFANTE, S. "Identidade e Segundas Línguas: As Identificações no Discurso". In: SIGNORINI, I. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, SP: Fapesp, 1998. pp. 231- 264

Notas:

¹ Autora
Mestranda Ingrid Isis Del Grego
DLM/ FFLCH- Universidade de São Paulo
in.isis@gmail.com

² Este estudo fez parte da pesquisa "Português como Língua Estrangeira para Nativos de Língua Inglesa: representações e processos identitários" (2007), financiado pela PRP/ FFLCH-USP, sob orientação da Profa. Dra. Deusa Maria de Souza Pinheiro- Passos.

³ Acepções semelhantes foram encontradas no Mini Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001: 411): "soltar v. (mod.1) **1** trans. e pron. **libertar (-se) 2 desatar (-se), desprender (-se) 3 afrouxar (-se) (...)**" (grifo nosso)

